

rarão também as outras aras e inscrições, que ingressaram recentemente no Museu de Castelo Branco, e que estudei no jornal local *Terra da Beira*.

Antes da publicação, porém, do novo Suplemento do *Corpus*, quis dar conhecimento à Arqueologia Portuguesa desta inscrição, e, em especial, ao D.^{or} Leite de Vasconcelos, para que ele a pudesse inserir na revista que serve de órgão ao Museu Etnológico.

Castelo Branco, 9 de Setembro de 1931.

MANUEL DE PAIVA PESSOA.

Os Cónios

Autores gregos e latinos falam de um povo que em tempos pre-romanos, e muito remotamente, ocupou o Algarve, ao qual povo os mesmos autores dão varios nomes, entre eles os de Κυνήτες = *Cynetes*; Κυνήσιοι; e Κόνιοι = *Cinei* ou «Conios». Vid. as indicações literarias contidas nas *Religiões da Lusitania*, II, 8, 9, 57, 69, 72, e III, 114, 121, onde algumas das referidas formas onomasticas se discutiram.

A este povo pertencia a cidade de Κονιστοργις = *Conistorgis*, como diz Apiano: vid. *Religiões*, III, 114, 115, 171, ainda que Estrabão a atribue aos Celticos, dando porventura uma noticia referente a uma data posterior: cfr. Schulten, *Fontes Hispan. antiquae*, I, *Avieno*, p. 95. Κονιστοργις tem manifestamente como radical o de Κόνιοι; em apoio d'isto vem o haver na Iberia outra cidade, chamada *Amtorgis*, como Hübner já lembrou nos *Mon. Ling. Ibericae*, p. 230, B, quer o nome seja assim mesmo, quer deva corrigir-se em *Anistorgis* (*MLI*, p. 223, B): em todo o caso, com o sufixo ou terminação *-storgis* de *Conistorgis*.

Talvez que com Κόνιοι se relacione tambem, quanto ao radical, *Conimbriga*, como Schulten lembra nos *Fontes Hisp. antiquae*, já cit., p. 94, e em *Die Keltiberer*, pp. 60-61; mas podemos tomar antes por base a fórma anterior, isto é, *Contumbriga* (*Religiões*, II, 185). Ao *oppidum* assim chamado corresponde hoje, como bem se sabe, Condeixa-a-Velha, ainda que ao nome corresponde *Cotmbra*, que o é de uma cidade vizinha. Em verdade a distancia d'aqui ao Algarve era grande, mas em todos os tempos houve deslocamentos de povos; e na propria Lusitania encontramos, por exemplo, *Celtici* no Sul e

no Norte (vid. *Religiões*, II, 73 e 74); e em *Turduli* = *Turd-uli*, nome étnico, encerra-se sem dúvida o radical de *Turdetani* = *Turd-etani*, outro nome étnico.

Por um lado Schulten compara o nome *Conios* com os nomes ibéricos *Couneidoq(um)* do *Corpus*, II, 5779, e *Couneancum* da mesma coleção, II, 2390, «que tienen el ou céltico, por lo qual la región (Cabo de S. Vicente) fué llamada por los Romanos *Cuneus ager*» (*Fontes*, p. 94); por outro lado diz: «creemos que los Cinetas son Ligures» (ib., p. 95). Parece que quer dizer que as fórmulas com *ou* são transcrição celtica de outras mais antigas (ligúricas), sem ditongo. Nas *Religiões*, II, 9, nota, sustentou-se porém que o Promontório Sacro, ou Cabo de S. Vicente, teve o nome de *Cuneus* (cfr. supra p. 168), por causa da sua fórmula de «cunha», e por confusão com *Cynetes* = *Cunetes*.

Dizer Schulten, *Tartessos*, Madrid 1924, pp. 49 e 76, que a fórmula *Curetes*, que vem em Justino, resultou de confusão com o nome do *litus Curense*, em Gades, parece-me pouco provável; mais natural seria ver aí mero equívoco de *r* por *n*: e por julgar errônea essa fórmula, foi que Hübner lhe após um asterisco dubitativo, *MLI*, p. 230, C.

Os textos antigos apresentam a cada passo dificuldades: e o estudioso, que os quiser aproveitar, ha de andar sempre com a maior cautela. Mas nem por isso deve ele abstrair inteiramente de hipóteses. Na incerteza em que se está da interpretação do antigo idioma da Península, escondido nas inscrições vulgarmente denominadas *ibéricas*, têm varios autores ousado comparar ás vezes grupos de letras, tais como se revelam nas mesmas inscrições, com certos nomes que conhecemos pela epigrafia latina e por autores classicos. Assim fez não raramente Hübner nos seus substanciosos *Monumenta*, acima citados: e eu segui o mesmo metodo, ha muitos anos, no *O Arch. Port.*, III, 189, por ocasião de publicar aí uma inscrição funeraria ibérica de Bensafim.

Na mencionada revista, vol. XXVIII, 205, dei ultimamente a lume outra inscrição ibérica, da mesma especie (de Panoias de Ourique), onde julguei decifrar o grupo *Konii*, que pus em paralelo com *Kónιαι*. E acrescentei que identico grupo se decifra noutra ou noutras inscrições dos *Monumenta Linguae Ibericae*: vid. n.º LXII e talvez os n.ºs LXIII e LXIV (os n.ºs LXVII a LXX não serão inscrições ibéricas). Se a minha interpretação é justa, ficam pois ao nosso alcance mais alguns elementos para o conhecimento dos *Conios*, no que toca ao onomastico e á geografia. O Campo de Ourique, onde jaz

Panoias, estende-se ao Norte do Cabo de S. Vicente, e não muito distante d'ele, posto que separado por montanhas.

A maior objecção que lembro contra mim mesmo é a repetição do grupo *konii* na inscrição de Panoias. Repetir-se-ia duas, tres vezes, quer um nome etnico, quer uma palavra aparentada com ele? Ou haverá aí apenas uma fórmula funerária? Outros mais sabedores do que eu discutião o problema que lhes apresento.

J. L. DE V.

Notícia de alguns instrumentos neolíticos de grande comprimento

Sumário.—Descrição dos instrumentos; sua comparação com outros portugueses e estrangeiros; significado.

Em 1923 tive ocasião de examinar, em casa do importante lavrador, hoje falecido, Miguel Eduardo de Oliveira Fernandes, de Beja, dois instrumentos neolíticos de excepcional comprimento, os quais tinham aparecido havia anos numa das suas propriedades chamada Herdade do Vale de Coelheiras, sita na freguesia de Mesajana, concelho de Aljustrel, distrito de Beja. Estes instrumentos encontram-se hoje no Museu de Beja, por disposição testamentária do seu proprietário, e excedem muito em comprimento todos os outros, portugueses e estrangeiros, de que tenho conhecimento.

Um tem 0^m,90 de comprimento, e apresenta secção elíptica com o máximo de 0^m,07 de eixo maior e 0^m,04 de eixo menor (fig. 1, A).

E levemente curvo, polido com regularidade, com uma extremidade espalmada e mal aguçada, e sem vestígios de utilização. A parte oposta apresenta-se muito aguçada.

O segundo (fig. 1, B) encontra-se já fragmentado e existem dele duas partes, felizmente as maiores. Medem elas juxtapostas 1^m,02, parecendo que a parte que falta teria ainda 0^m,05 ou 0^m,06. Regularmente trabalhado, de secção circular, com o perímetro máximo de 0^m,18, mostra-nos também a parte correspondente ao gume, talvez empunhadura, achatada, e a extremidade oposta a terminar em bico.